

58
OK
RUGIEROFI, Roberto. Fiaminghi renova a arte gráfica. **Folha de S. Paulo**, 26 jan. 1975, p. 50. Caderno de Domingo. *v. 2 de 2010*
110.

Um dos artistas mais inquietos e combativos do importante movimento de Arte Concreta – iniciado em princípios da década de 50 e só agora percebido pelo mercado – Hermelindo Fiaminghi, paulista de 54 anos, é um nome que tem estado sempre na vanguarda da pesquisa e introdução de modernas técnicas de produção gráfica, como artista plástico e como profissional gráfico.

Foi o introdutor entre nós do off-set como linguagem de criação artística. Sob sua orientação a Escola Superior de Propaganda e Marketing de S. Paulo vem editando obras de artistas nacionais de grande significado, utilizando todos os recursos da Litografia em off-set.

A produção das edições gráficas que estão sendo feitas para a Escola de Propaganda e Marketing de S. Paulo está a cargo de Hermelindo Fiaminghi e de mim. Atrás do significado cultural desse trabalho, há um objetivo de cunho beneficente: a escola vai angariar recursos para construir sua sede própria e ampliar suas atividades. A idéia surgiu entre o Fiaminghi e eu, e foi corajosa e entusiasticamente apoiada pelo diretor-presidente da Escola, Otto Scherb, a despeito da visão cética e conservadora de parte de membros do Conselho.

Várias obras estão sendo editadas e algumas já estão à venda: Dois trabalhos da série “A Taba” de Rubens Gerchman, obras conceituais e antropológicas, de um dos artistas brasileiros mais respeitados por críticos de vanguarda no exterior.

Volpi tem duas obras editadas, que foram consideradas unanimemente os trabalhos gráficos que mais fielmente registram a linguagem e a pincelada digital do grande mestre.

Uma obra ótica de Luis Sacilotto, da fase histórica do Concretismo. Sacilotto, importante pintor e escultor, um dos mais sérios artistas brasileiros da geração de artistas concretos da década de 50.

Duas obras de Otávio Araújo, surrealista brasileiro de posição internacional.

De Evandro Carlos Jardim foi produzido o tema “Cidade”, uma alegoria ambígua e poética que representa muito bem a linguagem gráfica desse extraordinário desenhista e gravador paulista.

Tomoshige Kusuno comparece com uma obra fortemente conceitual.

E finalmente Claudio Tozzi, artista jovem dedicado a pesquisas gráficas, largamente utilizadas em seu trabalho serigráfico.

Em fase final de produção obras de Mauricio Nogueira Lima, Roberto Magalhães e obras concretas de Fiaminghi, programadas dentro dos recursos atuais do off-set: seleção computada de cores, cujas transparências permitem múltiplos de permutações ad infinitum.

Muitos outros artistas estão sendo contratados para novas edições.

A produção dessas edições tem sido possível graças ao espírito de colaboração fora do comum de Lastris S.A., Intercolor e Repro, na produção de fotolitos. A impressão das edições tem o apoio entusiástico das gráficas Brunner, Litografia Mattavelli, Laborgraf e Colibri.

O empenho profissional, por parte dessas empresas e de seus elementos ultrapassou os níveis habituais de produção e alta qualidade gráfica, atingindo índices de referência internacional.

ARTE GRÁFICA NO BRASIL: NA IDADE DA PEDRA OU DA PEDRADA?

Sil, RR deve ser Roberto Rugierofi

Essa entrevista foi publicada em *A linguagem do off-set*. Folha de S. Paulo, 26 jan. 1975, p. 50. Caderno de Domingo.

E os 2 primeiros parágrafos foram extraídos de **RUGIEROFI, Roberto. Fiaminghi renova a arte gráfica**. Folha de S. Paulo, 26 jan. 1975, p. 50. Caderno de Domingo.

Um dos artistas mais inquietos do importantíssimo movimento da Arte Concreta – iniciado em princípios da década de 50 e só agora percebido pelo Mercado – Hermelindo Fiaminghi, paulista de 54 anos, é um nome que tem estado sempre na vanguarda da pesquisa e introdução de modernas técnicas de produção gráfica, como artista plástico e como profissional gráfico.

Foi o introdutor entre nós do off-set como linguagem de criação artística. Sob sua orientação a Escola Superior de Propaganda e Marketing de S. Paulo vem editando obras de artistas nacionais de grande significado, utilizando todos os recursos da Litografia em off-set.

RR - como foi que você chegou ao off-set?

HF - minha experiência como litógrafo vem desde 1936, quando me dediquei à litografia em pedra e em zinco na Companhia Melhoramentos. Fiz isso durante 10 anos. Cheguei ao off-set naturalmente, ao perceber nesse processo todos os recursos para a produção de uma obra de significado e linguagem próprios, absolutamente contemporâneos.

RR - o que vem a ser exatamente o off-set?

HF - o processo off-set é um sistema de impressão gráfica e representa uma evolução da litografia artesanal, a da pedra. Esclarecendo: na lito em pedra o litógrafo executava manualmente os temas a serem impressos. A seleção de cores, nesse caso, era interpretada pelo olho do litógrafo e executada artesanalmente a crayon sobre a superfície granulada da pedra. Quer dizer: para cada cor selecionada era necessário (sic.) uma pedra. O processo de impressão por off-set se utiliza preliminarmente da execução de fotolitos. Com o desenvolvimento dos processos fotográficos a litografia passou a basear-se nessa evolução tecnológica: a seleção de cores daí por diante passou a ser interpretada pelo "olho" da objetiva, programada pelo homem. Assim, para cada cor selecionada, temos um filme; mas com uma diferença: a gama de cores é conseguida a partir de 3 cores primárias (azul, amarelo e vermelho) e mais o preto para o desenho. Conclue-se que tanto no processo artesanal como no processo Off-set, a validade de uma obra reside simplesmente na maneira como o artista trabalha uma superfície ou outra e em seu conteúdo e significado explícitos.

RR - desde quando existe off-set no Brasil?

HF - como desenvolvimento da gráfica moderna, após uma fase de transição, a litografia em off-set foi implantada no início da década de 40, numa época de grande revolução gráfica.

RR - quando você sentiu que o off-set poderia ser uma linguagem para as Artes Plásticas?

HF - tenho que voltar bem ao início: como litógrafo sempre tive contato com artistas plásticos. A todo momento chegavam-me às mãos originais de outros artistas plásticos para serem reproduzidos. Sendo pintor desde 1940, sentia que aquele ato de reproduzir